

A DITONGAÇÃO EM SÍLABAS TRAVADAS POR /S/ EM FLORIANÓPOLIS

Carine Haupt (Universidade Federal de Santa Catarina)

ABSTRACT: *In this paper we analyzed the occurrences of diphthongs in syllables with /S/ in coda. We had as objective to analyze the paper of linguistic and social variable. The analysis showed us that the phenomenon is not very recurrent in Florianópolis, occurring in only 12% of the cases.*

KEYWORDS: *Phonology; diphthongs; variation.*

0. Introdução

Esse estudo trata do fenômeno da ditongação em sílabas travadas pelo arquifonema /S/ na fala dos florianopolitanos a partir de dados de fala espontânea. O fenômeno foi analisado sob a perspectiva da sociolinguística laboviana e teve como objetivo analisar o papel de variáveis linguísticas e sociais nesse processo. A hipótese que motivou essa pesquisa foi a de que, ao contrário do que se verifica, por exemplo, no RJ, onde a forma palatalizada do arquifonema /S/ também é predominante, assim como em Florianópolis (BRESCANCINNI, 1996, 2003), e que a ditongação é uma forte tendência (LEITE, CALLOU, MORAES, 2003), o fenômeno não seria muito recorrente e se limitaria a alguns contextos na fala dos florianopolitanos. Corroboram para a hipótese de que o processo de ditongação em sílabas travadas por /S/ não é muito difundida em Florianópolis, alguns estudos, como os de Furlan (1989), que mencionam também a ocorrência de monotongação de ditongos travados pela fricativa coronal. No entanto, estudos anteriores (LEIRIA, 2000) já atestaram que o fenômeno da ditongação ocorre também em Florianópolis, de modo que não poderemos considerá-lo um processo incipiente, apenas iremos lançar a hipótese de que os falantes preferem a variante ‘vogal simples’ ao invés do ditongo. Porém, mesmo considerando essa hipótese, queremos avaliar se há contextos que podem condicionar a escolha do ditongo por parte do falante.

O *corpus* utilizado para o estudo foi o do VARSUL (Variação Linguística Urbana da Região Sul do Brasil), constituído de 24 informantes, de cujas entrevistas foram analisadas as 120 primeiras ocorrências de sílabas com a fricativa coronal em coda, visto que os contextos tornaram-se repetitivos.

Apresentaremos, em primeiro lugar, alguns pressupostos teóricos, baseados na fonologia multilinear, que nortearão as análises dos nossos dados. Em seguida, com o objetivo de situar a ditongação como fenômeno de variação, apresentaremos um breve resumo de alguns estudos já feitos no Brasil. Por fim, exporemos os nossos resultados, nossas análises e conclusões.

1. O processo de ditongação

1.1. O verdadeiro e o falso ditongo

De acordo com a fonologia auto-segmental, os ditongos crescentes e decrescentes apresentam uma estrutura silábica diferente. Segundo Silva (2003), os ditongos decrescentes apresentam um núcleo ramificado, assim como as sílabas pesadas (travadas por uma consoante em coda). Já os ditongos crescentes comportam-se como uma sílaba leve formada por um núcleo simples que pode ser preenchido por um monotongo ou um ditongo leve. Observemos abaixo a estrutura de cada ditongo.

- a) Ditongo pesado (decrescente) b) Ditongo leve (crescente)

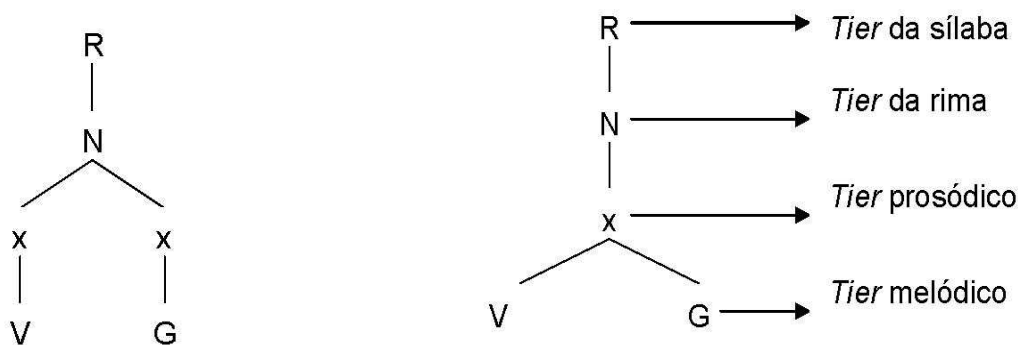


Figura 1: Estrutura silábica ditongos crescentes e decrescentes

Para explicar o processo de ditongação e monotongação, que ocorre em ditongos decrescentes, nos valeremos da Fonologia da Geometria dos Traços, baseados na concepção apresentada por autores como Leda Bisol de que existem o verdadeiro ditongo, o ditongo pesado, que não sofre monotongação, e o falso ditongo, também chamado de ditongo derivado.

Segundo Bisol (1989), os ditongos derivados são criados no *tier* melódico por processos assimilatórios, ou seja, não existem duas vogais na forma subjacente (no *tier* prosódico), de modo que há apenas uma posição na linha da rima, assim como em um monotongo. Os ditongos pesados, ao contrário, ocupam duas posições no nível prosódico ou esqueleto, como já evidenciamos acima. Há também outro argumento que sustenta a existência do verdadeiro ditongo e a impossibilidade de monotongação: o ditongo pesado forma pares mínimos com a vogal simples, como por exemplo, em *laudo* x *lado*. No caso dos ditongos leves, estes são apenas uma variante da vogal simples, como em [ʊπεφΣɪ] ~ [ʊπεΣɪ]. Segundo a mesma autora, não existem exemplos de pares mínimos de ditongo e vogal simples diante de uma consoante palato-alveolar.

As consoantes palato-alveolares /Σ, Z/, segundo a Fonologia da Geometria de Traços (CLEMENTS & HUME, 1993), são do tipo complexas e, portanto, apresentam uma articulação secundária, representada pelo traço coronal-vocálico (referente à vogal /i/, que dá conta da palatalização), fornecendo, assim, condições para o surgimento do glide.

A organização dos segmentos em traços hierarquizados, como o modelo propõe, oferece elementos que permitem captar a origem do glide epentético. Acrescenta-se a isso a idéia implícita de que todo processo de assimilação consiste em espraçamento de traços. Com isso se pode dar conta do fato em exame: o nó *vocálico* que domina o [coronal] e a abertura espraia para a esquerda, levando consigo os dominados, e como um legítimo processo de assimilação, cria um segmento. Eis aí a origem do glide. (BISOL, 1994, p. 139)

Portanto, o ditongo seguido de uma palato-alveolar possui apenas uma vogal na forma subjacente. A epêntese do glide é resultante de um processo de assimilação em decorrência do espraçamento do nó vocálico presente na consoante complexa. Da mesma forma que ocorre a epêntese, o glide pode também simplesmente não se manifestar foneticamente, criando formas como [λυΣ]~[λυφΣ]

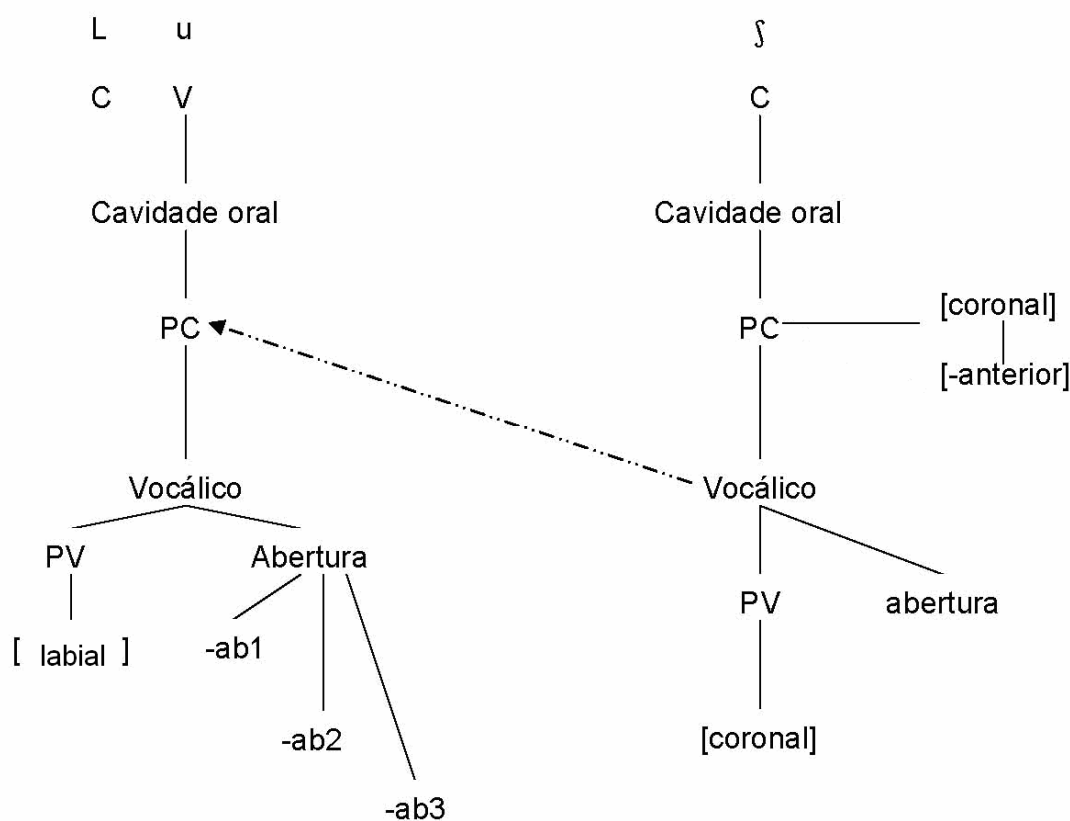


Figura 2- Representação do espriamento do nó vocálico da consoante complexa /Σ/

Essa explicação é satisfatória quando o arquifonema /S/ é realizado como uma consoante palato-alveolar. E como podemos explicar a ditongação em sílabas travadas pela sibilante alveolar, uma vez que esta é uma consoante plena e não tem uma articulação secundária como a complexa? Bisol (1994) lança a hipótese de que existe uma única forma subjacente para o arquifonema /S/, na qual há a presença de uma articulação secundária, representada pelo acréscimo do nó vocálico, que dá conta da palatalização da sibilante. Então, mesmo que a realização fonética do arquifonema sibilante seja alveolar, a ditongação ainda é possível, pois a articulação secundária existe no nível subjacente.

Em um de seus estudos sobre ditongos, Bisol (1994) faz menção ao processo de ditongação em sílabas travadas por /S/, embora não apresente nenhuma análise estatística para as variantes antes de /S/ na mesma sílaba. No entanto, ela afirma que o surgimento de um glide em palavras como *três e freguês* “é um resultado de um processo muito similar ao que cria um ditongo em *peixe ~ pexe, caixa ~ caxa*.” (BISOL, 1994, p 125). Além disso, ela esclarece que, ao contrário da ditongação em sílabas abertas, a ditongação em sílabas travadas por /S/ ocorre somente em sílaba final e acentuada.

1.2. Estudos sobre ditongação

Muitos estudos a respeito dos ditongos derivados em sílabas abertas (BISOL, 1994) têm sido feitos no Brasil. No entanto, nos interessa, no momento, descrever apenas aqueles que dizem respeito ao fenômeno em sílabas travadas pela sibilante coronal /S/. Vejamos alguns.

Leiria (2000) analisou o fenômeno nas três capitais da Região Sul, com dados extraídos do Projeto Varsul. Seus resultados mostraram que o fenômeno é inibido em Porto Alegre, enquanto é favorecido em Florianópolis e Curitiba. Os fatores estatisticamente relevantes foram: a) a qualidade da vogal, em que /E, a, e/ favoreceram a ditongação; b) ponto de articulação da sibilante coronal, tendo as alveolares se manifestado como fortes favorecedoras da formação da ditongação; c) sândi externo, também favorecedor; d) faixa etária, mostrando que os mais velhos aplicaram mais a regra da ditongação; e) *status* morfêmico da sibilante, em que a aplicação da regra foi favorecida quando a sibilante se encontrava na raiz; f) sexo, com um peso relativo maior para os homens. Note-se que o trabalho dela foi feito considerando somente sílabas tônicas finais.

Um outro estudo no sul foi feito recentemente por Tasca (2005). Essa autora fez um estudo comparativo entre 4 cidades gaúchas: Porto Alegre, Flores da Cunha (colonização italiana), Panambi (colonização alemã) e São Borja (região de fronteira), também com dados do projeto Varsul. Dentre as variáveis

analisadas, duas se mostraram categóricas: a tonicidade (todas as ditongações ocorreram em sílaba tônica) e *status* morfológico (todas as ditongações localizaram-se na raiz). Em relação às demais variáveis, a vogal de base foi a mais relevante, com um peso relativo bastante alto (0,84) para a vogal /a/. Suspeitando dos resultados devido à alta frequência da palavra ‘mas’, a autora fez nova rodada de análise estatística, excluindo essa palavra, o que resultou na seguinte seqüência de variáveis relevantes: a) escolaridade (com maior peso para o fator ‘primário’); b) vogal de base (agora tendo as vogais anteriores se mostrado mais favorecedoras); c) gênero (homens favorecendo mais a ditongação); d) cidade (São Borja como único fator inibidor). Além dessas duas rodadas de análise estatística, Tasca (2005) analisou cada cidade separadamente, trabalhando apenas com duas variáveis: cidade e item lexical (mas, três, vez, dez, verbo, outros (rapaz, atrás, arroz, luz, mês, através)), além de analisar o desempenho de cada informante relativo aos dez itens lexicais mais frequentes no *corpus*. A partir dos resultados, que mostraram que a ditongação se dá com peso maior nos itens lexicais ‘mas’ e ‘três’ em todas as cidades, a autora concluiu que o fenômeno está ocorrendo por difusão lexical, além de estar concentrado em alguns indivíduos, afirmando que ele não parece ter origem em fatores fonético-fonológicos ou sociais.

Outro trabalho semelhante, analisando comunidades étnicas distintas no RS, já fora feito anteriormente. Mello (1994)¹ analisou dados de fala de Santana do Livramento (fronteira), Taquara (colonização alemã), Monte Bélico (colonização italiana) e Porto Alegre. A autora constatou que a formação de ditongo em sílaba travada por /S/ foi favorecida por fatores tais como: a) extensão do vocábulo (os vocábulos monossílabos revelaram-se fortes condicionadores); b) qualidade da sílaba quanto à acentuação (a sílaba tônica teve desempenho quase categórico); c) sândi externo, que exerceu influência positiva; d) a posição da variante no vocábulo (posição final do vocábulo revelou-se contexto mais propício para a aplicação da regra); e) etnia (variável social que apresentou resultados expressivos, com ênfase para as pessoas de origem alemã). Interessante observar que, no trabalho dessa autora, a variável da categoria da vogal de base não se revelou favorecedora do processo de ditongação.

Além do sul do país, outras regiões já despertaram o interesse de estudiosos. Leite, Callou e Moraes (2003), dentre outros processos, estudaram a formação do ditongo. Eles fizeram um estudo em tempo real, analisando amostras de dois períodos distintos. Os fatores lingüísticos relevantes, pela ordem de seleção, foram: vogal de base (com a vogal alta inibindo, as médias abertas e a média anterior fechada favorecendo e a vogal baixa exercendo um papel neutro); tipo de sibilante (com a variante palatalizada favorecendo); dimensão do vocábulo (com os monossílabos favorecendo) e localização do acento lexical (com a sílaba tônica favorecendo). Em relação às variáveis sociais, verificaram que o fenômeno é mais estável entre as mulheres e que vem sofrendo retração.

Por fim, temos ainda o trabalho de Aquino (2004), que analisou dados de fala de João Pessoa, extraídos do projeto Valp (Variação Lingüística de Estado da Paraíba). Seus resultados nos mostram que i) a ditongação foi fortemente condicionada por sílabas tônicas finais; ii) os morfemas derivacionais e raiz favoreceram a aplicação da regra; iii) a vogal que mais favoreceu a ditongação foi a vogal /a/; iv) a sibilante alveolar sonora e a palatal surda foram inibidoras; v) quanto maior o vocábulo, menor a aplicação da regra; vi) os menos escolarizados ditongaram mais; vii) a ditongação foi mais frequente entre os falantes com mais de 50 anos.

Podemos observar que nem sempre há consenso entre os autores dos estudos referidos. Encontramos alguns resultados comuns em todas as análises: a tonicidade (a ditongação ocorre quase que sempre em sílabas tônicas); a extensão do vocábulo, ocorrendo a ditongação preferencialmente em vocábulos monossilábicos; posição da variável na palavra (o contexto final de palavra é favorecedor); *status* morfêmico da sibilante, sendo o processo inibido quando se trata de morfema flexional e a presença do sândi externo como fator favorecedor. A respeito das variáveis sociais também parece haver uma certa similaridade, em que homens e pessoas menos escolarizadas aplicam mais a regra de ditongação. No entanto, em relação ao tipo de sibilante há divergências. O estudo de Leiria (2000) mostrou que a consoante palato-alveolar é inibidora, enquanto no trabalho de Leite, Callou, Moraes (2003), ela foi favorecedora. No trabalho de Aquino (2004) as alveolares e palato-alveolares ora inibem ora favorecem, dependendo do seu vozeamento. No tocante à variável ‘vogal seguinte’ também não há consenso. A vogal /a/, em João Pessoa foi favorecedora enquanto no Rio de Janeiro ela exerceu papel neutro. No trabalho de Mello (1994), essa variável nem sequer foi relevante. Como vemos, o assunto ainda não se esgotou e muitos aspectos ainda precisam de esclarecimentos.

2. O processo de ditongação em Florianópolis

Em nosso estudo, consideramos todos os contextos mencionados nos estudos acima, numa tentativa de enumerar os fatores que podem inibir ou condicionar o processo de ditongação em sílabas travadas por /S/ na fala dos moradores de Florianópolis. As variáveis estruturais foram as seguintes:

¹ O *corpus* utilizado por essa autora foi organizado por Bisol no final da década de setenta.

1) tipo sibilante seguinte: considerando que, na forma subjacente, há a presença da articulação secundária no arquifonema /S/, partimos da hipótese de que ambos os contextos seguintes, tanto alveolares quanto palato-alveolares, têm o mesmo potencial de favorecimento;

2) vogal de base: os estudos já feitos nos mostram as vogais exercem influências diferentes nos diferentes dialetos estudados. No entanto, acreditamos que a vogal /a/, por ser mais forte, segundo Foley (1977), seja favorecedora;

3) a presença de sândi: os estudos mostram que a presença do sândi é condicionadora no processo de ditongação;

4) tonicidade e posição silábica: acreditamos que os contextos finais e tônicos sejam favorecedores;

5) *status* morfêmico da sibilante seguinte: considerando a hipótese de que os contextos tônicos e finais sejam favorecedores, acreditamos que as desinências não condicionem a aplicação da regra, por se encontrarem normalmente em sílaba átona.

Quanto às variáveis sociais, tomamos como fatores a estratificação usada no VARSUL: duas faixas etárias (de 25 a 50 anos e mais de 50), três níveis de escolaridade (até 5 anos de escolaridade, até 8/9 anos, e até 11/12 anos de escolaridade) distribuídos entre informantes do sexo masculino e feminino. Como o fenômeno já foi registrado em Florianópolis, acreditamos que ele seja estável, não apresentando grande variação entre os informantes de diferentes faixas etárias. Mas talvez haja um possível favorecimento do processo entre os informantes mais escolarizados, se considerarmos o monotongo como marca do falar de Florianópolis e que o maior contato dos mais escolarizados com pessoas de outras regiões que estão migrando para Florianópolis² possa influenciar no sentido de ditongar mais.

2.1. Nossos dados

Para fazermos o levantamento de ocorrências e avaliarmos a relevância de cada variável usamos o pacote de programas do VARBRUL (Variable Rule Analysis). Como havíamos sugerido, a aplicação da regra não aconteceu em muitos casos, somando apenas 12% das ocorrências. A primeira rodada que fizemos nos deu os seguintes resultados:

Tabela 1- Fatores relevantes na ditongação em sílabas travadas por /S/ na fala de Florianópolis – 1ª rodada

Variável	Fatores	Aplicação Total	%	Peso Relativo
Contexto seguinte	∅ (apagamento da fricativa seguinte) [maj∅]	100/104	96	0,99
	Alveolar surda [majS]	50/244	20	0,82
	Alveolar sonora [majz]	138/573	24	0,74
	Palato-alveolar surda [majʒ]	31/1328	2	0,28
	Palato-alveolar sonora [majZ]	20/474	4	0,38
Posição silábica e Tonicidade	Tônica final [ka'pajs]	19/72	26	0,83
	Átona final ['fomujs]	21/1038	2	0,26
	Átona medial [clandejs'tinu]	1/39	3	0,39
	Tônica inicial ['mejmu]	1/210	0	0,13
	Monossilábico tônico [majS]	243/632	38	0,86
	Monossilábico átono [ajs]	54/401	13	0,68

² Segundo dados do IBGE, do censo de 2000, 14,5% da população do estado de SC é oriunda de outros estados. A Grande Florianópolis foi a terceira região a receber mais moradores de outro estados no período de 1995 a 2000, 20,5% do total dos imigrantes, o correspondente a 42,6 mil pessoas.

Vogal de base	Labial [ojs]	52/974	5	0,36
	Coronal [‘trejs]	73/787	9	0,51
	Dorsal [‘majš]	214/962	22	0,61
Escolaridade	Até 5 anos	107/746	14	0,55
	De 5 a 8/9 anos	111/998	11	0,44
	Até 11/12 anos	121/979	12	0,52
Input 04		Significância 0.044		

Os grupos de fatores não mencionados na tabela não foram considerados relevantes estatisticamente pelo programa, a saber, a presença de sândi, o *status* morfológico e as variáveis sociais idade e gênero. Alguns fatores também tiveram que ser excluídos, pois não apresentaram nenhum caso de ditongação. Esses fatores foram: sílaba tônica medial, sílaba átona inicial e sibilante seguinte com *status* morfológico derivacional.

Ao analisarmos os resultados da primeira variável, contexto seguinte, surpreendemos-nos com o alto peso relativo do fator Ø (0,99), ou seja, quando houve o apagamento da sibilante. A ditongação foi praticamente categórica nesses casos, diferentemente do que aconteceu com os outros fatores. Tínhamos lançado a hipótese de que todas as sibilantes teriam o mesmo potencial para o favorecimento da inserção do glide. Mas a alveolar sonora e a surda mostraram-se condicionadoras enquanto as palato-alveolares foram desfavorecedoras. Considerando as semelhanças lingüísticas, resolvemos amalgamar esses fatores, reduzindo o quadro do contexto seguinte para: Ø, sibilante alveolar e sibilante palato-alveolar.

O segundo grupo mais significativo na aplicação da regra, ‘posição silábica e tonicidade’, confirmou o que esperávamos: as tônicas finais são condicionadoras (0,83). No entanto, houve aplicação da regra em contextos átonos também, mas faz-se necessário esclarecer aqui que os casos de ditongação em sílabas átonas finais aconteceram exclusivamente na fala de um informante, predominantemente em desinências verbais de primeira pessoa do plural, como em [perce’bemujs], motivo pelo qual tentaremos uma nova rodada, excluindo esse fator. Além disso, excluiremos também os fatores ‘átona medial’ e ‘tônica inicial’, por apresentarem apenas uma ocorrência do fenômeno em estudo. Vejamos os resultados dessa nova rodada.

Tabela 2 - Fatores relevantes na ditongação em sílabas travadas por /S/ na fala de Florianópolis – 2ª rodada

Variáveis	Fatores	Aplicação total	%	Peso relativo
Contexto seguinte	Ø [majØ]	100/104	96	0,99
	Alveolar [‘majš]	188/817	23	0,78
	Palato-alveolar [‘majš]	51/1802	3	0,30
Posição silábica e Tonicidade	Tônica final [ka’pajs]	19/72	26	0,53
	Monossílaboônico [‘majš]	243/632	38	0,60
	Monossílabo átono [ajs]	54/401	13	0,35
Vogal de base	Labial	52/974	5	0,36
	Coronal	73/784	9	0,55
	Dorsal	214/962	22	0,61
Sândi	Sim	123/510	30	0,52
	Não	186/2213	8	0,42
Gênero	Masculino	183/1364	13	0,54
	Feminino	156/1359	11	0,46
Escolaridade	Até 5 anos	107/746	14	0,56
	De 5 a 8/9 anos	111/998	11	0,44
	Até 11/12 anos	121/979	12	0,52
Input 0.14		Significância 0.049		

Nessa rodada não observamos mais uma discrepância tão grande entre o input (0,14) e aplicação total da ditongação que foi de 12%. Na primeira rodada, o input ficou em apenas 0,04, fato que acontece normalmente quando há grandes diferenças na aplicação da regra entre os fatores.

O fato de as alveolares favorecerem a ditongação pode estar relacionado a dois fatores. Em primeiro lugar, a alveolar entra em jogo quando ocorre sândi, e esse fator também se mostrou favorável no processo da ditongação, apresentando um peso relativo de 0.52. Outro motivo que nos parece bastante plausível para explicar esse fato em termos estruturais é, baseado no trabalho de Paiva (1996), entender o apagamento do glide /j/ em ditongos seguidos de consoante palato-alveolar na sílaba seguinte como o “efeito de desfazer cadeias constituídas se segmentos foneticamente semelhantes, evitando, assim, a repetição de traços” (PAIVA, 1996, p. 230). O glide anterior /j/ e as consoantes complexas palato-alveolares /ʒʃ/ compartilham do traço [+alto], isto é, se observarmos a representação de uma consoante complexa (fig. 2), veremos que o nó-vocálico que dá conta de sua articulação secundária é [-ab1,-ab2,-ab3], traços que caracterizam uma vogal alta. Assim, a semivogal que resulta do espriamento desse nó, pode ser suprimida por compartilhar um número maior de propriedades fonéticas com a consoante seguinte que é pronunciada como palato-alveolar, o que não ocorre quando esta for uma alveolar, na qual a articulação secundária existe apenas na forma subjacente (BISOL, 1994).

São também contextos favorecedores os monossilábicos tônicos (0,60). Os monossílabos átonos, ao contrário do que a primeira rodada sugeriu, não favoreceram a aplicação da regra da ditongação, tendo um peso relativo baixo, de 0,35. Mas fato de esse fator ter tido um peso relativo mais alto na primeira rodada (0,68) e ter uma aplicação total de 13% merece alguns comentários. O fenômeno já foi registrado em outros estudos, como o de Aquino (2004), em que teve um peso relativo de 0,8, mas ainda não foi registrado em estudos do sul do país. Esse fator apresenta um comportamento semelhante aos outros fatores da variável posição silábica e tonicidade, isto é, a aplicação da regra de ditongação se concentra nos casos em que a sibilante coronal é apagada e, em segundo lugar, quando o contexto seguinte for uma consoante alveolar. Podemos observar isso na tabela abaixo.

Tabela 3 – Aplicação da regra de ditongação em sílabas tônicas finais e monossílabos tônicos e átonos em diferentes contextos seguintes

	Palato-alveolar	Alveolar	Ø	Total
Tônica final	6/40 15%	7/19 27%	6/6 100%	19/72 26%
Monossilábico tônico	36/264 14%	132/290 46%	75/78 96%	243/632 38%
Monossilábico átono	4/273 1%	32/110 29%	18/18 100%	54/401 13%

Partindo da teoria fonológica proposta para essa pesquisa, podemos dizer que permanece um vestígio da sibilante seguinte apagada, se considerarmos que o arquifonema /S/ tem em sua forma subjacente o traço vocálico-coronal que, espriando-se, dá origem ao glide epentético.

A terceira variável relevante foi a vogal de base. As vogais dorsais e coronais foram favorecedoras, com pesos relativos de 0,61 e 0,55, respectivamente, e as vogais labiais foram desfavorecedoras. Esse fato pode estar relacionado à alta incidência das palavras [‘mas] e [‘tres], monossílabos tônicos, contexto favorável à aplicação da regra, e também os vocábulos em que a ditongação ocorreu em maior frequência. Caberia, nesse caso, fazer novas tentativas de rodadas para avaliar o real peso dos fatores da vogal de base e a força dos vocábulos isoladamente na ditongação. Poderíamos fazer uma nova rodada, excluindo os dados referentes a essas duas palavras e ainda avaliar o comportamento de cada informante em relação à ditongação nesses contextos, a exemplo do trabalho de Tasca (2005), o que deixaremos para um trabalho posterior, em que pretendemos avaliar a hipótese da difusão lexical.

O quarto fator relevante, que não fora considerado na primeira rodada, foi o sândi. Comparando os fatores presença e ausência de sândi, vemos que a presença de sândi favorece a aplicação da regra, com peso relativo de 0,52, muito embora esse valor esteja bastante próximo do valor de referência 0,5, podendo até ser considerado com peso neutro.

As duas últimas variáveis selecionadas foram gênero e escolaridade. A variável gênero não foi selecionada na rodada anterior e apresentou pesos relativos muito próximos do valor de referência, fato que parece apontar para uma indefinição do papel dessa variável. A variável escolaridade, embora tenha sido selecionada nas duas rodadas, também apresentou para seus fatores pesos relativos muito próximos de 0,5, o que nos leva a concluir que as variáveis sociais não exercem um papel muito expressivo no processo de ditongação.

3. Conclusão

O estudo da ditongação na fala dos florianopolitanos, baseado nos dados do Varsul, trouxe-nos informações interessantes acerca do fenômeno. Embora o apagamento seja a realização menos recorrente do arquifonema /S/, o processo é favorecido, em primeiro lugar, pelo contexto seguinte Ø. A sibilante palato-alveolar, a mais usada, não se revelou como contexto favorecedor, enquanto que alveolar foi condicionadora do processo de ditongação.

Em relação às outras variáveis consideradas estatisticamente relevantes, vimos que as sílabas tônicas finais e os monotongos tônicos foram favorecedores. Mas a porcentagem dos casos de ditongação em monotongos átonos não foi tão baixa assim, chegando a 13% dos casos. Percebemos que esses monotongos sofrem o processo preferencialmente em outros contextos favorecedores, isto é, quando há o apagamento da sibilante seguinte e quando o arquifonema /S/ é realizado como alveolar. A presença do sândi, ao contrário do que esperávamos, não se mostrou uma variável muito expressiva na aplicação da regra da ditongação, apresentando um leve favorecimento para presença, porém com peso relativo próximo a 0,5.

Quanto à vogal de base, variável que apresenta diferentes resultados em diferentes pesquisas, teve como fator favorecedor a vogal /a/. No entanto, as vogais coronais também se revelaram como contextos propícios para a ditongação, com um peso relativo um pouco menor em relação à vogal dorsal. Esse resultado pode estar relacionada à alta frequência das palavras ['mas] e ['tres], hipótese que ainda precisa ser testada.

As variáveis sociais, por sua vez, não foram muito expressivas na aplicação da regra, apresentando sempre pesos relativos próximos ao valor de referência e não sendo selecionadas na mesma ordem nas duas rodadas realizadas nesse trabalho.

Para finalizar, convém fazer algumas observações interessantes a respeito do fenômeno considerando o comportamento dos informantes isoladamente. Houve um informante que inseriu o glide /j/ em quase todas as sílabas átonas finais, quando essas eram desinências verbais de 1ª pessoa do plural. Foi um caso isolado, mas bastante intrigante, pois pode nos dar um indício de que o fenômeno da ditongação pode estar associado não somente a fatores estruturais, mas pode estar concentrado em alguns indivíduos, ou estar sendo difundido em determinados itens lexicais, como [mas],

RESUMO: Esse trabalho consiste em um levantamento das ocorrências da ditongação variável em sílabas travadas pelo arquifonema sibilante /S/ em Florianópolis. Tem como objetivo analisar o papel de variáveis lingüísticas e sociais. O levantamento de dados nos mostrou que o fenômeno não é muito recorrente, ocorrendo em apenas 12% dos casos.

PALAVRAS-CHAVE: Fonologia; ditongos; variação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AQUINO, Maria de Fátima. Uso variável do ditongo em contexto sibilante. In: HORA, Demerval da (Org). *Estudos Sociolingüísticos: perfil de uma comunidade*. Santa Maria: Palloti, 2004. p. 45-54.
- BISOL, Leda. O ditongo na perspectiva atual. *D.E.L.T.A.* São Paulo, vol. 5, n. 2, p. 185-224. 1989.
- _____. Ditongos derivados. *D.E.L.T.A.* São Paulo, vol. 10, n. especial, p. 123-140, 1994.
- BRESCANCINI, Cláudia. *A palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português falado em três regiões de influência açoriana no município de Florianópolis*. 1996. 219f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Lingüística) – Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, Florianópolis, 1996.
- _____. A palatalização da fricativa em posição de coda no dialeto florianopolitano: variáveis lingüísticas. In: HORA, Dermeval da; COLLISCHONN, Gisele (Orgs). *Teoria Lingüística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003a. p. 291-326.
- CLEMENTS, G. & HUME, Elizabeth V. *The internal organization of speech sounds*. Unpublished ms. University of Cornell, 1993.
- LEIRIA, Lúcia Lovato. A ditongação variável em sílabas tônicas finais travadas por /S/. *Organon*. Porto Alegre: UFRGS, v. 14, n. 28 e 29, 2000.
- LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah; MORAES, João. Processos em curso no português do Brasil: a ditongação. In: HORA, Dermeval da; COLLISCHONN, Gisele (Orgs). *Teoria Lingüística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003. p. 232-250.
- MELLO, Vera Helena Dentee. *Formação de ditongo em sílaba travada por /S/ na linguagem coloquial gaúcha*. Dissertação de Mestrado em Letras. Porto Alegre: UFRGS, 1994.
- TASCA, Maria. A inserção de glide em sílaba travada por /S/. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 137-162, set. 2005.
- SILVA, Thais Cristóforo. *Exercícios de Fonética e Fonologia*. São Paulo: Contexto, 2003.